

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º	5.º ANNO — VOLUME V — N.º 142	REDAÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA, RUA DO LORETO, ESTRADA PELA RUA DAS CHAVES, 42
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	6250	\$120	1 DE DEZEMBRO 1882	Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Possesões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-3-	-5-		
Estrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	-5-	-5-		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-5-	-5-		

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LUNATO — Cartas do Douro, MONTENEO RAMALHO — O major João Carlos Ribeiro, J. B. — As nossas gravuras — Caminho do Ferro da Beira, J. B. — Successos do Egypto, R. — Carlos Ribeiro, BERTO FERRELLI — O amigo Visconde, ALBERTO BRAGA — Ephemerides Artistico-Litterarias — Publicações.

GRAVURAS. — Caminhos de Ferro Portuguezes, Estação da cidade da Figueira, Estação da cidade da Guarda

Estação de Mangualde Ponte do Cda — Estação e Ponte de Luso, no Caminho de Ferro da Beira Alta — Major João Carlos Ribeiro — Lamego, Paços do Concelho — Carcavellos, Estação do Cabo Telegraphico Submarino, — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Os ultimos telegrammas do Funchal dão noticia de estar eleito deputado pela Madeira, o sr. dr. Manuel de Arriaga, candidato republicano. Comprehendem bem decerto que eu, começando a minha chronica por esta noticia, não

penso de fórma alguma em fazer politica, e que não vou atirar girandolas de adjectivos vistosos por entrar na camara dos deputados um segundo deputado republicano — ainda que abstraindo completamente a questão de parcialidades partidarias, a presença no parlamento d'um homem do valor de Manuel d'Arriaga, seja qual for a sua côr politica, é sempre um facto para alegrar todos os que presam a dignidade da nossa camara — nem vou chorar sentidas lamurias por ter o partido monarchico levado um cheque na Ilha da Madeira.

Não farei nada d'isso. Dando noticia do telegramma chegado do Funchal, faço apenas o meu



CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES — ESTAÇÃO DA CIDADE DA FIGUEIRA, NO CAMINHO DE FERRO DA BEIRA ALTA (Segundo photographia de E. Biel)

dever de chronista, desde o momento em que esse telegramma estourando em Lisboa se tornou de repente o assumpto de todas as conversações, e fez uma sensação geral, que ordinariamente os telegrammas electoraes não teem a habilidade de despertar.

E depois a eleição do candidato republicano pelo circulo da Madeira tem uma significação original, que é mais uma das originalidades impagáveis da politica portugueza.

Por este lado vale a pena estudal-a e registral-a, como um documento importante, para a historia pittoresca d'essa coisa que n'estes ultimos tempos, sob o pseudonymo de Política tem alegrado extraordinariamente o humorismo nacional.

Qualquer pessoa ingenua, lendo a noticia da eleição d'um candidato republicano pelo circulo da Madeira, vê n'isso uma demonstração evidente dos progressos que a idéa republicana tem feito n'aquelle circulo. Eram tres os candidatos, dois monarchicos, — um progressista, e um regenerador, — e um republicano.

Apesar de estarem no poder os regeneradores, e de essa coisa estravagante que se chama machina eleitoral, estar perfeitamente montada, na primeira eleição ha empate, na segunda vence o candidato republicano por grande maioria.

Com a breca! Como aquillo por lá está! e como o partido republicano na Madeira é forte e numeroso! exclama o leitor de boa fé.

Vae-se á historia da eleição, e o que se vê? Quem elegeu o candidato republicano, foram... os regeneradores e os constituintes, dois partidos monarchicos!

E' ou não profundamente original tudo isto! E' original e symptomatico.

Em portugal não ha politica de principios, ha politica de individualidades, não ha partidos de idéas, ha partidos de pessoas.

Não se vota n'um candidato por elle representar certas e determinadas idéas politicas, vota-se por elle ser o sr. Fulano, ou por ser recommendado pelo sr. Sicrano.

Desde o momento em que por qualquer motivo o sr. Sicrano ou o sr. Fulano decae da nossa estima, vota-se no sr. Belyano, simplesmente para que não vença qualquer dos outros.

A questão de idéas politicas não tem nada que ver com isto, é unicamente uma questão pessoal. A politica portugueza resume-se toda n'isto. Não é de hoje nem de hontem, é já de ha muito tempo.

Temol-o notado já largamente por varias vezes. Hoje veio ao nosso encontro mais um documento, registramol-o, simplesmente como curiosidade na nossa carteira de observador, e vamos ver o *Othello*.

— Tem sido muito diversamente apreciada na imprensa essa representação do *Othello*, desde a vantagem de resuscitar hoje Shakspeare até ao modo porque o *Mouro de Veneza* foi interpretado no theatro de D. Maria.

São tudo questões de ponto de vista em que o critico se colloca. Antes d'entrarmos n'ellas começarmos por declarar que a representação do *Othello* foi para nós uma agradável e verdadeira surpresa.

Em relação ás exigencias colossaes do drama Shakspeareano é claro, que o desempenho do *Othello* no theatro de D. Maria deixa a desejar, em relação á nossa Arte, ao nosso meio artistico, aos nossos actores, deixou-nos plenamente satisfeitos.

Foi um *Othello* completo, irreprehensivel, perfeito, o que se representou em D. Maria? Com certeza que não. Foi um triumpho para os artistas que o representaram? Com certeza que foi.

Em primeiro lugar, temos o conjuncto geral da representação do drama, o ensemble de todos os papeis, o scenario, o guarda roupa, a *mise-en-scene*, todos os elementos que reunidos compõem o que se chama representação theatral.

Por esse lado a empresa de D. Maria deu-nos o *Othello* mais completo que Portugal tem visto, e a peça assim posta em scena, não envergonharia nenhum theatro do mundo, mesmo dos largamente subsidiados, o que é dizer que faz muita honra ao nosso, que tem por unico subsidio a cedencia gratuita do edificio.

Alguns actos do *Othello* são mesmo postos em scena com uma riqueza pouco habitual nos nossos palcos. Os fatos são magnificos, estudados com rigor, e executados primorosamente pelo sr. Carlos Cohen.

As scenas novas são esplendidas e de bello effeito.

Em absoluto, a *mise-en-scene* do *Othello* é boa: relativamente ás condições do theatro de D. Maria, e aos usos theatraes de Lisboa, é maravi-

lhosa. Não havia direito a exigir a terça parte d'aquillo, logo, ha a obrigação de applaudir sem reservas a bisarria com que a empresa, espontaneamente, se a isso ser obrigada, fez d'uma peça, cujo titulo de monumento litterario seria já um titulo de honra para o empreendimento, uma peça de espectáculo.

Parece-nos que sem parcialidades nem pessimismo, é este o effeito geral produzido pelo conjuncto da representação do *Othello*.

Emquanto ao desempenho parcial dos principaes personagens, embora as imperfeições que uma critica severa lhe possa notar, imperfeições que a mesma critica tem que censurar mais ou menos a muitos artistas notaveis, e educados no grande repertorio, e entre elles, ao proprio Rossi cuja interpretação do personagem do *Othello* tão violentamente atacada é pelos criticos inglezes e allemães, e mesmo em Portugal tão reuvidas discussões suscitou na imprensa — apesar d'ella não fazer de Shakspeare e dos seus personagens, um ponto capital de estudo, como acontece na sociedade ingleza, — embora essas imperfeições, diziamos, o desempenho dos personagens principaes do *Othello*, denota um grande progresso nos nossos artistas e põe em evidencia o seu talento maleavel, o seu estudo muito para louvar, dada a feição perfeitamente commercial do nosso theatro, onde as peças teem de succeder com curtos intervallos sob pena dos artistas representarem para os bancos da platêa.

Não tratamos de fazer aqui a analyse d'esse desempenho: primeiro porque não estamos fazendo uma secção de critica theatral, segundo porque no proximo numero o *Ocidente* consagrará um artigo especial ao *Othello*, seu desempenho e scenario, cumprindo o seu programma de registar todos os acontecimentos importantes da nossa terra, e o apparecimento de Shakspeare no primeiro theatro portuguez é indubitavelmente um acontecimento litterario de primeira ordem.

Não é aqui o logar para uma critica minuciosa da interpretação que os principaes papeis do drama shakspeareano tiveram no theatro de D. Maria. Nós, dando noticia d'essa representação, celebremos pela importancia da peça representada, diremos apenas rapidamente a nossa impressão pessoal, sem descer, ou melhor, sem subir a estudos criticos demorados e difficeis.

Essa impressão foi uma surpresa excellente repetimos.

O *Othello* de Brazão não é completo, não é irreprehensivel; mas é o mais que se pôde exigir d'um actor, que embora tenha um bello talento, se aproxima pela primeira vez dos colossos shakspeareanos.

Um actor novo ainda, e portanto não tendo um largo tirocinio artistico, educado em Portugal onde não ha escolas d'arte de representar, nem um publico e uma critica que suppram essa falta, habituado a representar o repertorio da comedia moderna, abalançar-se um dia a representar o *Othello* e não fazer um fiasco, é um triumpho: obrigar a critica a deixar o seu tom ligeiro de noticiario para lhe applicar a analyse séria e reflectida é uma honra: forçar a critica mais severa, a elogial-o sem reticencias em algumas phases do seu papel, é uma victoria brilhante.

A verdade cremos que é esta. Brazão é um artista ousado. Ha annos fez já uma tentativa para se lançar no grande dramatico. Essa tentativa foi infeliz. O *Herani* foi um fiasco com todas as suas letras. Brazão não desanimou, não desistiu, e deu-nos agora o *Othello*. Da peça de Hugo á tragedia de Shakspeare, ha em Brazão um progresso enorme e incontestavel. O successo de hoje resgata a queda de hontem, e o theatro portuguez deve-lhe á sua audacia, hoje corôada pelo successo, a 1.^a representação d'uma peça de Shakspeare no palco de D. Maria, e uma criação artistica de primeira ordem, n'esse repertorio tão difficil e colossal, a criação de Yago pelo actor João Rosa.

Foi um verdadeiro triumpho incontestado a representação d'esse papel. João Roza estudou-o com um escrupulo minucioso e realçou-o com o seu talento superior e delicado.

O publico applaudiu-o entusiasticamente, e a critica foi unanime em applaudir o seu bello trabalho, muito superior ao de todos os Yagos que tem segredado ciume a ouvidos de Othellos em palcos portuguezes.

Virginia teve scenas excellentes na personagem de Desdemona, principalmente no ultimo acto, e Carolina Falco teve tambem bellos rasgos de indignação no papel de Emilia. A traducção difficil do drama Shakspeareano, é um trabalho litterario de primeira ordem e que faz muita honra ao sr. Antonio José de Freitas.

E do resto do *Othello* o *Ocidente* occupar-se-ha mais detalhadamente no seu artigo especial.

— Na Trindade houve uma representação tambem notavel, no genero do repertorio d'aquelle theatro, a representação do *Femme à Papa* a engraçadissima comedia opereta de Millaud, Hennequin e Hervé, que foi e é, porque se representou ha 5 annos e ainda se conserva em scena, um dos mais brilhantes successos da Judic.

A peça era completamente desconhecida em Lisboa, pela simples razão de não estar impressa. Foi portanto uma verdadeira novidade. Como comedia, a *Femme à Papa* é no seu genero uma obra prima.

O 2.^o acto, é um dos actos mais bem feitos que conhecemos n'estas peças de *quiproquos*. A musica é muito ligeira e simples, entretanto tem um numero delicioso, a *canção do coronel*, uma canção já celebre em França.

No desempenho da *Mulher do Papá*, difficilissimo para artistas portuguezes, por ser demasiadamente parisiense, a companhia da Trindade houve-se com muita distincção, obtendo um verdadeiro successo a actriz Anna Pereira, deliciosa na scena difficilissima da embriaguez, Taborda no duplo papel de pae e filho, e Leoni, irresistivel de graça no papel de sábio.

— Falta-nos hoje o espaço e sobeja-nos assumpto, um assumpto encantador que é um livro de versos delicioso — os *Poemetos* do conde de Sabugoza. Fallaremos d'esse delicado livro e d'esse delicadissimo poeta, na nossa proxima chronica. E á ultima hora apparece-nos ainda outro assumpto, uma noticia terrivel e despedaçadora a da morte de Saraiva de Carvalho. Só nos resta apenas o espaço hoje para lhe dizermos: Paz á sua memoria.

Gervasio Lobato.

CARTAS DO DOURO

II

O comboio veio arruinar a velha poesia das romarias. Antigamente, desde a ridente primavera até ao outomno sorumbatico havia todas as semanas pittorescas procissões deromeiros a travéz d'estas aldeias alegres, caídas, que se penduram tortuosamente pelos montes em amontoamentos familiares de casarias vistosas. Raramente um d'estes montes não tem, empoleirada no seu cabeço mais elançado no azul, uma pequena capella ou ermida branquejante; e como todos os oragos são diversos, variados, como convém a estas gentes piedosas que teem as retumbantes romarias como unicas festas, expansões livremente ruidosas cortando de saborosa folia o seu labor agricola, bruto e extenuante, as aldeias sentadas pelas encostas gosavam constantemente o espectáculo animado e barulhento do desfilar divertido dos devotos forasteiros.

Das aldeias mais longinquoas para as mais distantes festas, vinham magotes empoeirados de camponios infatigaveis, rudes homens queimados cuidadosamente encadernados nos seus fatos novos, de cores terrivelmente negras trazidas das cidades funebres; e mulheres togarellas, feias em geral mas sempre vivas, conversando e rindo regaladamente ao longo dos caminhos barrancosos, sob a alegria garrida e petulante dos seus ricos lenços de seda, multicolores, e dançando ladinamente as suas largas saias com o andar rapido, de montanhezas afeitadas aos maus trilhos e declives perigosos, que se vencem habilmente a passo miudinho e vigoroso. De terra em terra os grupos expansivos iam crescendo, formando-se repentinas camaradagens de caminheiros despreocupados, indo serenamente ao prazer; a procissão apressada tornava-se então interminavel, ondulosa, quebrando-se bruscamente a espaços, pelas veredas estreitas e d'uma ingreme aspereza; por vezes tudo se acamava, corpos torcidos e inclinados para a frente, subindo torturadamente enormes ladeiras pedregosas; e quando se marchava á vontade por entre os campos cantantes de sonora verdura, a longa fila movente, com os trajos infinitamente variados e pittorescos das mulheres, ia-se arrastando e deslizando como uma grossa cobra intensamente bariolada de cores dantescas.

Ao passar pelas aldeias desconhecidas, osromeiros calavam-se, esgueirando-se pacatamente pelas viellas com ruidos atrapalhados de calçado opulento de tachas; então, centenares d'olhos curiosos saham das janellas, examinando ciosamente, com retrahimentos ou risos aggressivos; e por sobre esta inimidade latente e tradicional entre as povoações rusticas, saltavam ás vezes pelo ar commentarios isolados, de visi-

nhas que troçavam fealdades grutescas, elegancias toscas, ou vestidos reles sem feitiço nem gosto. Mas transposto o povoado, os transeuntes friamente revistados reanimavam-se bem depressa, e iam rindo vingativamente d'aquella gente invejosa e rancorosa, porque não podia ir como elles á romagem, folgar robustamente.

As vezes tambem eram phylarmonicas estridentes, que vinham contractadas de longes terras, e que tomavam soberbamente os caminhos mais solitarios, confusamente enroscados pelo mais alto dos montes echoantes, encurtando distancias intrepidamente. Então, havia pelas pacificas alturas estrondos cavos e revoltos de metal rispidamente cantante, ao mesmo tempo que as caixas asperas e o humbo ribombante rolavam furias tempestuosas, e n'um bello charivari triumphal juntamente com os instrumentos fogosos, iam fugitando os innumeraveis echos n'uma gloria sonora, escangalhada e louca, que inundava o espaço calmo de ondas rudemente vibrantes.

E o sol, e o luminoso azul, e os proprios montes sombrios sorriam grandemente a tudo isto; e assim periodicamente os campos verdes eram por toda a parte alagados de festa, enquanto que a inconsciente alma humana se dilatava gostosamente n'um esquecimento pantheista das inclemencias torpes da vida.

Mas hoje essas alegrias ruidosas passaram; não ha já as procissões contentes a travez d'aldeias e campos e pinheiras, como grossas cobras de cores barioladas; nem as trepidantes descantadas, susurrantes de violões zumbentes, desorganizadas pelos caminhos; nem as humildes cavalgatas de cavalleiros medrosos, bebidamente apupados pelo rapazio berrador e malcreado, implacavel. O comboio supprimiu tudo, n'uma violenta usurpação de progresso; osromeiros agora recolhem-se commodamente a elle, e transportam-se a vapor ás romarias afamadas, tendo talvez uma vaga saudade das antigas peregrinações demoradas e fatigantes, mas divertidas e d'um agreste encanto. Nem mesmo na festa já se demoram á vont de; cumprem os seus votos á pressa; vêem de relance as procissões espectaculosas, estridentes de musicas rivaes, e garridas de altos guíões enfunados e d'innúmeras ópas e andores vermelhos; visitam pas sageiramente as curiosidades ruidosas do arrayal; mal se sentam á sombra dos castanheiros pujantes para engulirem as fartas merendas; e enchendo os lenços de famosos biscoitos, segundo o velho uso guloso, desertam em grandes magotes pelas encostas, abaixo, pressurosamente, sob a preocupação embrutecedora de não perderem o comboio. E n'elle regressam pezarosamente á suas cazas, quasi melancolicos, e vergastados de indefinidos medos aos aspectos bruscos das trincheiras ameaçadoras e precipicios penhascosos, que a via vae atravessando sinuosamente. Como era alegre vel-os d'antes dançando e cantando aos bandos loucos, improvisando á volta, animados de fé e de vinho, impetuosas kermesses em cada encruzilhada espaçosa!

Nem ao menos já ha uma d'aquellas celebres desordens tragicas, em que meia duzia de valentes ebrios se esfaqueavam cegamente, ou se malhaviam de grossa pancadaria, até cadaveres moidos e ensanguentados se estenderem pesadamente nos caminhos; d'antes eram invariavelmente os ciúmes selvaticos d'amores rusticos que as armavam; mas agora a locomotiva veiu estancar o sangue com o verde pú, despejando sobre as romagens um rameirismo bandalho e rouco, debandado das cidades infectas;—os féros galãs camponios deixam de se disputar o difficil e raro pasto amoroso em rivalidades bestias e sangrentas, preferindo gastar facilmente as suas energias esfaimadas na medonha podridão crapulosa.

Vae-se de todo a pureza campestre, — que os doces livros bucolicos tanto caluniarão, lisongeiramente; e a velha poesia folgasá das romarias, essa, morreu miseravelmente, esmagada pelo victorioso progresso parceiro do vicio. Ella era mais sã, com as suas alegrias rudes e bacchicas, e mesmo com os seus doidos combates.

Mas n'este bravo paiz da vinha ha tambem uns pobresromeiros, que se vêem sempre obrigados a fazer as suas caminhadas longas a pé. Para elles não ha o comboio veloz, porque a sua pobreza é grande e inexoravel, e ás vezes nem lhes guarda os pés nus que se magoam repetidamente na marcha accelerada, vencendo distancias enormes necessitosamente. Os homens, magros, trigueiros, negros do halito abrazado do sol, não ostentam esqueradamente as suas bellas roupas novas, como os caminhantes felizes das romagens; vestem pobremente umas saragoças

velhas e russas, coçadas do uso permanente, levam as vestias sujas enfiadas n'um comprido pau estendido ao hombro, e as mangas da camisa arregaçadas, deixando vêr cabelludos braços queimados, são de um acceio deploravel, grossas e terrentas; ao mesmo tempo que as mulheres e raparigas suas companheiras, tambem não arrastam como as outrasromeiras aldeãs, um luxo volumoso de saias vistosas, lenços musicantes de vivas côres, e pesados ouros enroscados serpentinamente nos pescocoos, balouçando ao andar com scintillações fulvas; ellas cobrem-se simplesmente d'escorridas saias de chita desbotada e gasta, e põem a nota pittoresca do seu traje modesto no lenço barato mas sempre de côres intensas, que cruzam largamente no peito, sobre os estreitos corpetes. Mas o cuidado com que levam á cabeça umas pequenas cestas cheias de grossa merenda dá-lhes uma elegancia e aprumo esculpturaes, tornando cada uma d'ellas o modelo interessante d'um esplendido quadro de genero, digno do toque vigoroso e quente de Silva Porto.

Estes são osromeiros das vindimas, que veem d'aldeias longinquoas aproveitar no alto Douro esta faina rendosa e afortunada. Passam todos os annos pelos fins de setembro, ou como agora, em pleno outubro, quando a vindima é tardia; reúnem-se em grandes bandos originaes, e não pensam que elles vão ao longo dos caminhos pensando chorosamente na sua miseria, recolhidos em tristezas mornas e soluçantes; pelo contrario, são osromeiros mais divertidos que eu conheço.

Cada bando que passa arranja o seu descante ruidoso; ha sempre um que saiba fazer cantar uma rebeça roucamente, outro que raspe sonoramente uma viola gemebunda, e um outro que bata rijo n'um tambor; um garoto esperto encarrega-se de tocar ferrinhos, conspicuamente; e as mulheres fazem côros e desafios intermináveis de cantigas, alternadamente amorosas, brejeiras, trocistas e tristonhas por vezes, atiradas rudemente ao ar em toadas estridentes de fortes vozes indomitais. Se se calam umas, cançadas, começam outras; e assim vão todos galgando leguas, alegres e felizes, deliciaados nas suas descantadas singelas mas retumbantes, que a letra garôta de certas cantigas interrompe de vez em quando, alvoraçando bruscammente todo o bando n'uma barulheira franca de gargalhadas.

E é sobretudo delicioso ouvir-os já ao longe, pelas barrigudas encostas adiante, quando a instrumentação exquisita se confunde e apaga; então as vozes resaltam harmoniosas no côro, e vão-se prolongando languorosamente, no meio d'um ruido murmurante dos echos brandamente roçados pelas quebradas.

Outubro.

Monteiro Ramalho.

O MAJOR JOÃO CARLOS RIBEIRO

No dia 3 de março do corrente anno fallecia em Loanda, em resultado das doenças adquiridas durante os variados serviços prestados em Africa, o major de infantaria do exercito de Portugal João Carlos Ribeiro.

Era muito conhecido este official em Lisboa pelas suas variadas aptidões e genio jovial.

Havendo nascido em 1843, fizera os seus estudos no Real Collegio Militar, cujo curso acabou em 1861, assentando logo praça a 5 de agosto no batalhão de caçadores n.º 5. Foi promovido a alferes em 10 de janeiro de 1866 e a tenente em 2 de abril de 1872.

Desenhando com desembaraço e muito habil em gymnastica, dedicava as horas de folga do serviço ao ensino d'estas artes em collegios e casas particulares, chegando a ser professor d'ellas no mesmo collegio em que fora educado.

Quando appareceu em Lisboa a *troupe* dos occarinistas Italianos, Ribeiro obteve d'elles uma ou duas occarinas e exercitando-se n'aquelle instrumento, fez construir alguns sob sua direcção e conseguiu organisar uma banda de occarinistas, que instruiu e ensaiou e que foi applaudida em publico.

Desejoso de empregar em mais largo campo a sua aptidão, conhecimentos e actividade, quando em 1876, o ministerio da marinha procurou organizar as commissões de obras publicas para as provincias de Africa, foi Ribeiro um dos primeiros que se offereceu para esse serviço.

Estava elle casado havia alguns annos, e não obstante a juvenude da esposa e os sorrisos dos tenros fructos d'esta sua união, cortou por tudo, porque os desejos de auxiliar o empenho do governo, e o amor da patria que nos incita a servir-a longe, o moviam a ir percorrer a Africa.

Foi portanto promovido a capitão em 9 de agosto de 1876 e algum tempo depois partiu para Moçambique, provincia onde lhe coube ir desempenhar o seu serviço.

Ahi foi empregado em varias commissões como conductor de 1.ª classe, tendo ido a Lourenço Marques e outros pontos, onde o respectivo director das obras publicas julgou conveniente envial-o.

Tinha sido promovido a major em 25 de julho de 1878, por lhe haver competido em Portugal o posto de capitão, quando as febres de Africa o obrigaram a regressar ao reino, para se tratar. Melhorado das suas doçças foi mandado concluir a sua commissão na Guiné, para onde partiu em 1879, na qualidade de director interino das obras publicas d'esta provincia. Levou então em sua companhia a esposa. Toda a doçura e conforto, que os carinhos de um ente querido nos sabe dispensar, não foram assim mesmo sufficiente para que se não renovassem os seus padecimentos, e o obrigassem a tornar ao reino em 1880, depois de ter prestado optimos e activos serviços n'aquella provincia, que seria longo especialisar.

Restabelecido, mas não completamente, voltou de novo á Africa Occidental, mas só, chegando a Loanda em setembro d'esse anno, sendo mandado para a commissão de Mossamedes, a melhor que lhe podia ser incumbida pela bondade do clima, onde esteve como chefe d'aquella circumscripção de obras.

Entregava-se activamente ao cumprimento dos seus deveres, quando em dezembro foi chamado a Loanda para tomar conta da direcção de obras publicas da provincia, interinamente, em consequencia de haver regressado ao reino o director effectivo.

N'essa posição se conservou até março de 1881. Desde então até setembro continuou no serviço das obras publicas na capital da provincia. Sofrendo de quando em quando mais ou menos, fora atacado de uma febre biliosa que o retivera na cama alguns dias.

Chegara então (setembro de 1881) a Loanda a barraca, que o governo havia mandado construir para a missão civilisadora do Congo, e o major Ribeiro que se achava ainda convalescente foi nomeado para ir estabelecer a casa da missão.

Partiu de Loanda, chegando a Noki no dia 1.º de setembro do mesmo anno, abordo do vapor *Bengo*, effectuando-se o desembarque de todo o material no dia 2 na melhor ordem. Ficou tudo bem acondicionado, pela boa disposição da feitoria portugueza n'aquelle ponto, sendo todo o pessoal que fez o transporte da casa do negociante Rosa.

Escrevendo logo ao chefe da missão começou a cuidar no transporte, conseguindo angariar carregadores das diversas povoações, que foram conduzindo as peças mais pesadas.

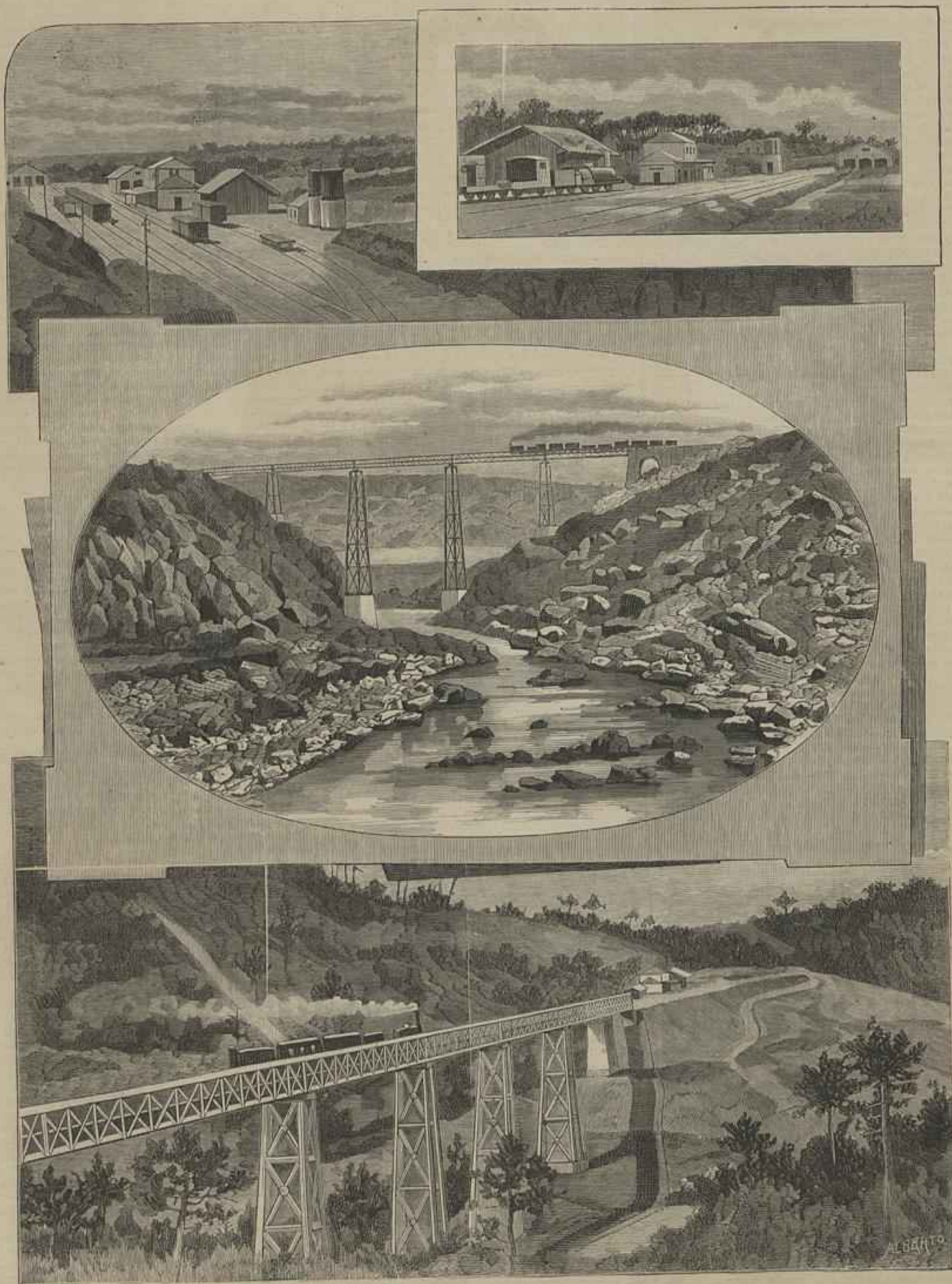
O tempo que lhe restava aproveitava-o Ribeiro a levantar a planta dos terrenos proximos, mas com a dificuldade que lhe davam os muitos cursos de agua cercados e cobertos por espesso arvoredo, e os campos revestidos de capim de altura prodigiosa onde um homem fica completamente sumido, tinha de mudar de estações frequentemente. Tendo de uma das vezes subido a um inbondeiro, para conhecer da direcção que tomava um riacho, escachou o ramo e Ribeiro cahiu sobre os rins, o que o obrigou a ficar de cama durante uns dez dias, até 27, bastante mal.

A 24, estando ainda muito incommodado, chegava D. Alvaro, filho do rei do Congo, com a resposta do chefe da missão e conduzindo 134 carregadores. N'esse mesmo dia e nos seguintes partiram esses e outros carregadores, e o major Ribeiro, deixando tudo disposto para lhe ser enviado o resto do material, prumos, telha, ripa, coaltar etc., partiu finalmente para S. Salvador do Congo a 3 de outubro, acompanhado por 80 carregadores.

Um alto morro separa Noki do planalto. Durante trinta e cinco minutos sobe sem descanso e por um calor de abrasar; ás 8 e vinte minutos chega a Quinga, onde pernoita no alpendre de uma palhoça, que o principe do povo lhe offerece mediante aguardente e duas peças de fazenda.

(Continúa).

J. B.



CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES — ESTAÇÃO DA CIDADE DA GUARDA — ESTAÇÃO DE MANOALDE — PONTE DO CÔA — ESTAÇÃO E PONTE DE LUSO
 NO CAMINHO DE FERRO DA BEIRA ALTA (Segundo photographias de E. Biel)

AS NOSSAS GRAVURAS

LAMEGO — PAÇOS DO CONCELHO

Póde Lamego ufanar-se com justiça de que possui hoje um dos melhores edificios de Paços do Concelho, que se encontram por terras de provincia. Esta veneranda povoação, que não conta menos de vinte e tres seculos de existencia, apresenta-se hoje casquilha e rejuvenescida ao viajante que a demanda; e um vago tom de elegancia, uma tenue alvorada de bom gosto, vão lentamente e a custo aclarando a sombra espessa, que o seu velho castello quadrangular, erguido no vertice do monte, derrama austero por sobre a casaria.

E de recente data o edificio municipal, que constitue um vasto rectangulo de 62^m de frente por 15^m de lado. Por decreto de 21 de fevereiro de 1844, fôra concedido á camara municipal de Lamego o extincto convento da praça para Paços do Concelho. A camara encetou logo a demolição do convento, e arrematou por 2:4308000 réis a erecção do novo frontespicio. Metteu-se de permeio a guerra civil, a travar a sequencia da obra; a camara iniciadora foi demittida, e a commissão, que a substituiu, não deixou proseguir no desmoronamento da fachada antiga.

Finda a guerra, a obra recommçou; e no dia 14 de março de 1847, era com toda a solemnidade lançada a primeira pedra da frente actual. Cinco annos decorridos, em 1852, apenas se achavam ainda erectos dois terços do frontespicio; porém deu notavel impulso ás obras a



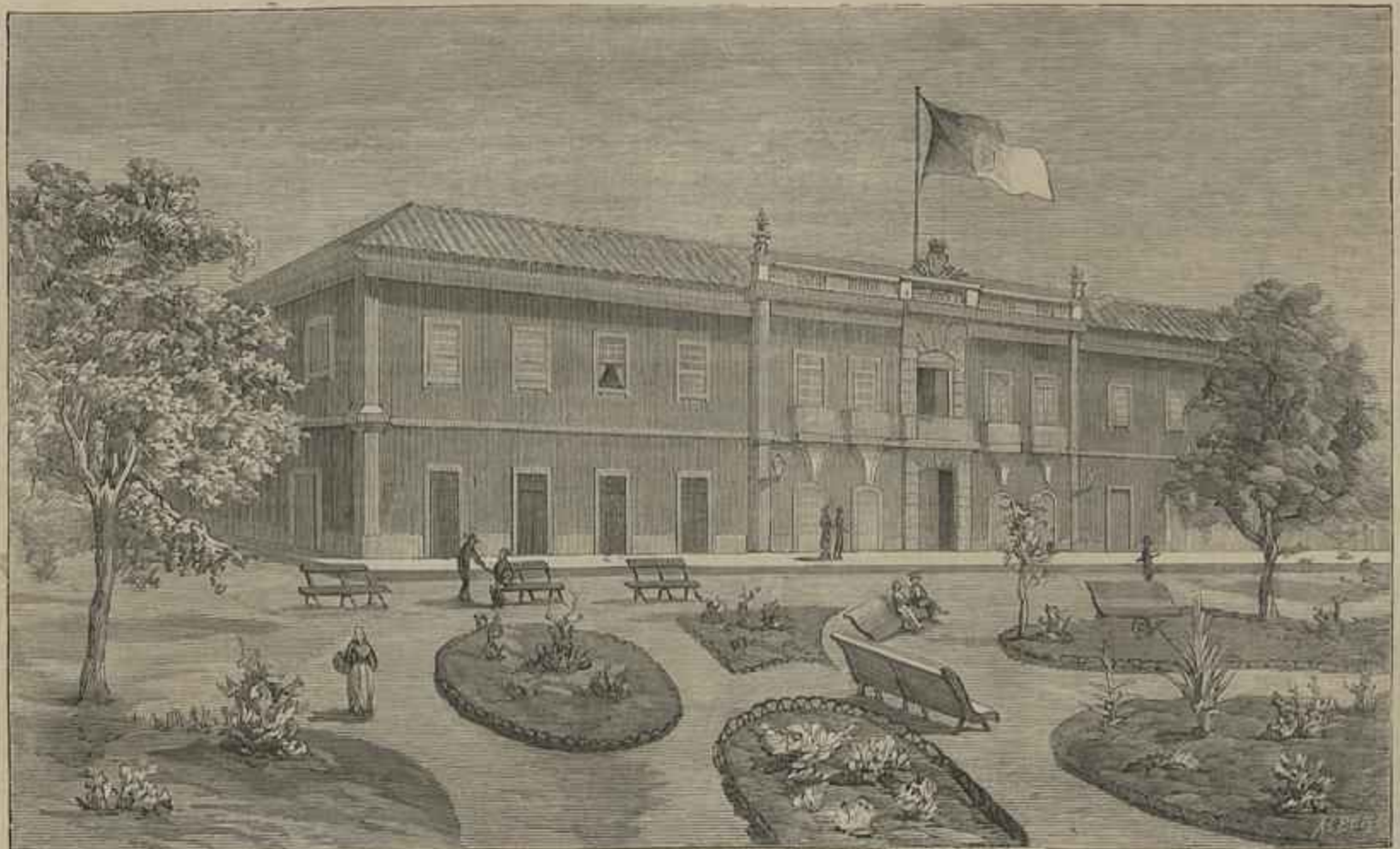
MAJOR JOÃO CARLOS RIMIRO — Fallecido em Lisboa a 3 de março de 1882

(Segundo uma photographia de Moraes)

nova vereação, a esse tempo eleita, e composta dos srs.: Frederico da Camara Leme, presidente; dr. Alexandre da Costa Pinto, Francisco José da Costa, José dos Santos Leitão, Custodio Correia da Rocha, Francisco Magalhães da Fonseca e José Correia Pinto da Fonseca. Mais tarde, a 28 de abril de 1855, reunida a camara municipal na antiga casa da Relação, d'ahi se encaminhou para os novos Paços do municipio, seguida da musica de infantaria e de muito concurso de povo, a celebrar solemnemente a sua primeira sessão. Houve por então farto gaudio na cidade, abundantes vivas e foguetes, e repetidos toques do sino do castello. Esta sessão foi celebrada no actual salão do tribunal judicial.

A fabrica desde esse tempo nunca mais afrouxou, e hoje falta apenas para conclusão do edificio a construcção da caixa das escadas, obra dispendiosa e demorada, mas que já tem prompto todo o alicerce.

N'este vasto edificio foram hospedadas suas magestades, por occasião da sua visita, em 14 e 15 do passado agosto, no vetusto burgo da Beira. A moderna sala das sessões da camara, que occupa as tres varandas do centro do corpo central e serviu a el-rei de sala de recepção, é grande e formosa; o tecto e as paredes são de um bello apainelado de estuque e ouro, os reposteiros de reps de seda carmezim, e de igual tecido o docel que encima um retrato do monarcha, pintado pelo professor Francisco José de Resende. Vastissimo tambem é o salão do tribunal, onde se preparou a casa para jantar dos soberanos e comitiva, e que



LAMEGO — PAÇOS DO CONCELHO (Segundo um desenho communicado pelo sr. Abel Azeilo)



preenche a ultima sacada da direita da estampa do corpo central, e as tres janellas seguintes.

É ingavel que foi aqui com decencia alojada a familia real. A quasi totalidade das peças de ornamentação, incluindo mobilia e alcatifas, foram importadas de Lisboa, da casa dos srs. Barbosa & Costa, parte por compra e parte por aluguer. Mobilia rica, elegante e moderna, sem duvida alguma, toda de mogno, nogueira da America, tuya, pau santo e olho de perdiz. Devo especialisar, pela sua belleza, o leito de el-rei, de tuya, e pau santo, umas cadeiras da camara do principe real, de mogno e olho de perdiz, e o rico guarda vestidos da rainha, que a um escuro canto mal ostentava a sua opulencia vistosa, vestida de bons espelhos, fabricada de tuya e pau santo, e avaliada em 400\$000 réis.

A maior parte dos reposteiros e cortinados foram, por um engenhoso processo economico, tallados nos amplos velludos que vestiram o pavilhão, erecto em janeiro na capital, para a parada em honra dos reis de Hespanha; o governo assim o permittiu.

Em summa, a decoração da casa, geralmente vistosa e alegre, e dirigida por um armador do mesmo armazem Barbosa & Costa, se por algumas salas pavonejava opulencias, não raro entremostrava tambem envergonhada uns accessorios reles e pelintros; e contrastava deveras que ella fosse assim toda composta de elementos estranhos a Lamego, a bom preço mendigados ou alugados, sabe Deus com que custo, n'esta occasião extraordinaria e solemne. Pungia na alma dos verdadeiros lamecenses, que um mobiliario burguez, e pouco mais de vulgar, fosse escolhido para adornar a casa, onde se hospedaram os monarchas; quando em Lamego havia tanta preciosidade archeologica, tanto mimo de subido valor artistico, como as largas mezas de pés torneados e os contadores e veladores, de pau preto, ovos de dois seculos, e os magnificos canapés polidos e as magestosas cadeiras de espaldar, do seculo passado, e preciosissimas porcelanas da India, algumas vindas ha mais de 50 annos e ainda por descaixotar, e colgaduras matizadas, de immenso valor intrinseco — tudo isto para servir a suas magestades uma hospedagem que lhes offereceria o attractivo da novidade, ao passo que lhes dava mostras do muito que a terra possui de valor.

Nada d'isto infelizmente se aproveitou. E a absoluta ignorancia das mais triviaes noções de bom gosto artistico, junta a uns pequeninos ciúmes indigenas de tudo querer fazer e dispôr, deram origem a esta para mim tremenda falta imperdoavel.

A. A.

ESTAÇÃO TELEGRAPHICA DO CABO SUBMARINO EM CARCAVELLOS

Em 1872 comprou a companhia do cabo telegraphico submarino por 23.000\$000 réis, o antigo palacio do Morgado da Alagôa na Quinta Nova de Santo Antonio, em Carcavellos.

A companhia escolheu este edificio por se prestar ao estabelecimento das suas repartições e estar collocado muito proximo do Oceano distando apenas 20 kilometros da capital.

A construcção do palacio é do seculo passado tendo sido seu fundador José Francisco da Cruz avô do ex-possuidor que o vendeu á referida companhia.

Este palacio está construido no centro da quinta a que acima nos referimos, a qual foi muito productiva, mas hoje está em completo abandono.

El-rei D. José gostava muito d'esta vivenda e muitas vezes ali ia de passeio almoçar.

O palacio tem dois altos torreões que se avistam do Oceano a grande distancia, e servem por isso de baliza aos navegantes.

CAMINHO DE FERRO DA BEIRA

(Continuado do n.º 140)

Tem-se subido até aqui, a uma altitude de 477 metros em 130 kilometros, proximamente metade da linha. D'este ponto começa-se de novo a descer, encontrando-se ainda o grande atterro da Abrunhosa e o tunnel que se lhe segue de 302 metros de comprimento.

Segue-se-lhe o viaducto da Canharda, que é uma boa obra d'arte de cantaria, composta de cinco bellôs arcos e de 88 metros de comprimento. A altura dos carris acima do terreno inferior é de 22 metros. Neste ponto termina o districto de Vizeu, entrando-se no da Guarda.

A primeira obra que se encontra é a estação de Gouveia de 4.ª classe.

A oito kilometros d'ella, acha-se a de Fornos d'Algodres, tambem de 4.ª classe.

D'esta é de Celorico, encontram-se apenas as obras seguintes: a passagem obliqua, inferior á estrada da Guarda, de 6,6 de abertura com taboleiro metalico; a ponte em linha recta sobre o ribeiro da Muchagata, formada de um só arco, e do comprimento de 16 metros; e a ponte obliqua sobre a ribeira das Ollas, tambem de taboleiro metalico e de 12 metros de abertura.

Logo adiante entra-se na estação de Celorico de 3.ª classe.

A linha descendo de Mangualde até Gouveia tem seguido com pequenas inclinações até Celorico, onde tem a cota de 467,4, para d'ahi se ir elevando até á sua maior altitude. Poucas obras se encontram até villa Fernando, a não ser a estação de villa Franca das Naves, de 4.ª classe, e o apeadouro de Pinhel.

A linha tem attingido agora a sua maior elevação e estamos a 810 metros acima do nivel do mar. Eis a estação da Guarda, que é de 3.ª classe.

Por uma manhã de janeiro, chegando áquella altura, não hade o passageiro sentir demasiado calor.

D'este ponto começa a linha a descer suavemente, encontrando a 10 kilometros o apeadouro de villa Fernando.

A certa distancia passa-se o Noemy sobre o viaducto metalico de dois tramos, formado de um só pillar de alvenaria, e cujo comprimento é de 32 metros.

Encontra-se logo adiante a estação de Cerdeira, de 4.ª classe.

Adeante d'ella outra ponte sobre o mesmo Noemy. É mais extensa que a primeira, pois tem 83 metros de comprimento, e é formada de cinco arcos de 12 metros de abertura.

Vem por ultimo o viaducto do Cóa. É formado de cinco tramos, perfazendo a extensão de 235 metros. A elevação dos carris sobre o leito do rio é de 58 metros. É portanto esta a obra mais alta de toda a linha, e a que apresenta um aspecto mais grandioso.

Do viaducto do Cóa até á fronteira só ha a notar as estações de Freineda, de 4.ª classe e a de villar Formoso de 2.ª classe.

Chegámos ao fim da linha, temos descripto as obras principaes, e dado em gravura algumas d'ellas; continuaremos a apresentar as que ainda nos restam.

J. B.

SUCCESSOS DO EGYPTO

XI

O governo egypcio, informado d'essa divergencia e julgando-a um symptoma favoravel á sua causa, continuou a illudir a expectativa estrangeira, trabalhando nas fortificações e procedendo a armamentos. Tornou a ser instado o governo do sultão a este respeito, e fazendo-se-lhe saber que se esta resposta fosse illudida a Inglaterra obraria energeticamente, foi de novo assegurado que tal não havia, e que no caso de a Inglaterra atacar Alexandria, os egypcios não responderiam ao seu fogo.

Á Inglaterra porém tinha dado as suas instrucções ao seu almirante sir Frederick Paget Beauchamp Seymour, que commandava a esquadra nas aguas egypcias. O almirante tendo sabido, ou suspeitado, que os egypcios não trabalhavam de dia, mas sim de noite, porque as fortificações progrediam, na noite de 8 de julho do corrente anno ordenou á fragata *Alexandra* que fizesse projectar luz electrica sobre as fortificações de Alexandria. Os egypcios que não esperavam por tal, e muito conitados em que podiam ludibriar os inglezes, trabalhavam com todo o fervor nos fortes. De repente, porém, acharam-se quasi como em completo dia, e viram descoberto o seu estratagemas.

No dia seguinte pelas 7 horas da manhã o almirante Seymour mandou o seu ultimatum a terra, no qual fazia constar que tendo o gabinete egypcio faltado ao prometido ao seu governo, o intimava para fazer evacuar os fortes e entregar-lhos d'entro de 48 horas, findas as quaes obraria como devia, se assim se não fizesse.

No dia 10 de tarde vieram, a bordo do almirante Seymour, enviados egypcios, pedindo-lhe para não romper as hostilidades, promettendo suspender os trabalhos.

O almirante respondeu que era tarde, que os fortes eram uma ameaça ás esquadras estrangeiras, e que, se no dia seguinte ás 7 horas da manhã não estivesse satisfeita a sua intimação, romperia o fogo. N'essa mesma tarde fez avisar d'esta sua resolução os commandantes dos navios das outras nacionalidades, para que retirassem da

bahia. Os primeiros que sahiram foi a esquadra franceza, seguindo-os todos os mais, menos os americanos que se conservaram em posição conveniente.

No dia seguinte, 11, quando fazia um mez que tinha havido a carnificina nas ruas de Alexandria, rompia a esquadra ingleza o fogo contra os fortes da cidade. Os egypcios, contra o que haviam affirmado, responderam ao fogo, e algumas embarcações inglezas soffreram alguma coisa.

As 11 e meia não respondendo já os fortes ao fogo, e tendo içado em alguns a bandeira branca, cessou o fogo. Vendo o almirante Seymour um navio egypcio, que estava no porto, tambem com a bandeira branca içada, mandou um escaler a bordo d'elle, julgando que estaria ali algum emissario; o navio porém havia sido abandonado.

Não tendo apparecido ninguem até ao dia 12 de manhã, tornou o almirante a romper o fogo; dos fortes tornaram a içar bandeira branca, e o fogo cessou de novo. Na tarde de 13 Arabi Pachá, tendo reunido alguma da sua gente, ordenára, de accordo com os seus sequazes, que se deitasse fogo a parte da cidade. Os edificios pertencentes aos europeus foram acomettidos pela turba, depois de começar a lavrar o incendio. Arabi retirára com as tropas na direcção de Kafrdóar e Kin-Osman, onde levantou as primeiras fortificações.

Uma força dirigia-se a Ramleh, em cujo palacio se achava o khediva, afim de, segundo se diz, o assassinar e deitar fogo ao palacio. Avisado d'isto, o khediva retirou para Ras-el-Tin, d'onde mandou participar ao almirante Seymour que a sua vida se achava em risco.

Na tarde de 14 o almirante desembarcou com 600 homens, dirigindo-se a Ras-el-Tin. Immediatamente desembarcaram forças de outras nações para proteger os seus compatriotas, extinguir o incendio que lavrava em partes e fazer a policia da cidade.

Todos que foram encontrados na pilhagem, que ainda durava, foram enforcados; e salvos os estrangeiros que ainda se achavam entrincheirados nas suas casas ou em outros edificios, que haviam convertido em reductos de salvação.

Houve luctas heroicas, e com quanto muitos estrangeiros perecessem n'esses combates, outros poderam escapar aos seus barbaros adversarios, e até atalhar os progressos do fogo.

Entre os edificios que ficaram completamente arrasados, foi um o consulado portuguez, bello palacio que ostentava a sua magnificencia no bairro europeu.

(Continua)

R.

CARLOS RIBEIRO

(Continuado do numero antecedente)

Começaram com actividade esses trabalhos, e seja dito em verdade, que se deve a Delgado na maxima parte, a classificação d'uma grande quantidade de exemplares, que havia na Academia das sciencias e Escola polytechnica de Lisboa, e hoje formam parte do museu d'esta escola.

De 1862 em diante começaram os trabalhos de organisação e levantamento da carta geologica de Portugal. Para isso fez a commissão geodesica levantar em dois annos a carta corographica de Portugal, afim de sobre ella assentarem os trabalhos da commissão geologica. Está publicada essa carta, tem alguns defeitos e deficiencias, que se vão rectificando, sendo de crêr que passados alguns annos ella tenha adquirido maior perfeição.

Foi durante os seus trabalhos que Carlos Ribeiro e Delgado encontraram em varias estações documentos irrecusaveis da existencia do homem nos territorios que formam hoje Portugal, n'um periodo prehistorico que se póde recuar desde o principio do quaternario até aos ultimos tempos do terciario ou plioceno.

Já no artigo relativo ao congresso de anthropologia e archeologia prehistorica, deixámos esboçado, ainda que ligeiramente, em que consistiram esses descobrimentos.

N'esse meio tempo fora dissolvida a commissão geologica, parece-nos que pouco sensatamente, em janeiro de 1868, n'aquella febre de reformas, que desorganizou muitos serviços e que poucos ou nenhuns soube organizar, passando a constituir a commissão, uma parte da commissão geodesica, sob a denominação de *secção geologica*. Carlos Ribeiro foi então nomeado chefe d'esta secção.

Como militar tendo sido collocado na 3.ª Secção do exercito, durante o periodo que decorre de 1840 até 1851, fora n'este anno graduado em capitão, e promovido á effectividade, havendo

ascendido ao posto de major em 31 de dezembro de 1866, ao fim de 33 annos de serviço e 29 de official.

D'aqui em diante occupa-se do ramo a que ultimamente se dedicara, a geologia. Os seus trabalhos são importantes e acham-se consignados em publicações que são do dominio publico.

Na serie de artigos publicados n'estes periodicos desde o n.º 68 de 1880 até ao n.º 98 de 1881, demos noticia não só do *Congresso de anthropologia e archeologia prehistorica* reunido em Lisboa em setembro de 1880, mas tambem do que deu motivo a que uma pleiade de sabios eminentes nos ramos da geologia, anthropologia, e archeologia honrasse a nossa capital n'essa epoca. O encontro de sílex lascados em terrenos do periodo terciario da epoca plioceno, mostrando um corte intencional, era mais uma prova da existencia do homem n'esse periodo, prova além d'isso a primeira em data, porque os trabalhos do padre Bourgeois, de Capellini e outros são posteriores aos do nosso geologo.

O exame d'esses sílex, onde estava assignalado o trabalho rudimentar de nossos, vinte vezes milenarios, avós era o assumpto do congresso. Carlos Ribeiro, eleito secretario geral do congresso, mal podia então assistir a elle; alguns dias não ponde comparecer ás sessões, não ponde acompanhar os seus collegas na sciencia nas excursões ás localidades onde elle encontrára os preciosos documentos, sendo portanto Delgado quem teve que o representar n'essas excursões.

As resoluções do Congresso não foram perfeitamente concludentes, se bem que todos os sabios estrangeiros prestassem o tributo do seu respeito ao nosso compatriota, e que a grande maioria fosse convencida da grande valia dos documentos colligidos.

Acabado o congresso, tratou Carlos Ribeiro de procurar o necessario alivio aos seus padecimentos. Sofreu a operação da lithotricia com todo o animo, e passado tempo retomava o seu trabalho, dedicando-se á organização do relatório da sessão do Congresso de Lisboa, trabalho cuja impressão já vae adiantada.

(Continúa) Brito Rebello.

O AMIGO VISCONDE

II

O comboio parou.

Uma voz rouquenha, monotona e sacudida como tres toques compassados de uma campainha, percorreu ao longo da gare:

— Valadares... Valadares... Valadares...

E um homem de bonet sem galão, uma blusa azul e uns sapatos ferrados, que batiam com força no asp.alto, passou a todo o comprimento do comboio, levando na mão uma lanterna que produzia no chão um disco luminoso.

— Valadares...

Alvaro tirou da carteira uma guia do caminho de ferro, estendeu os braços para a luz da carruagem, leu, e disse baixo:

— Faltam ainda duas estações.

Guardou a guia, reclinou outra vez a cabeça no espaldar estofado, meteu as mãos nos bolsos do *ulster*, estendeu os pés e fechou de novo os olhos.

Na gare, a campainha deu o signal de partida. A machina silvou, o comboio fez um movimento brusco, como quem tira com esforço, estremeceu todo, e continuou a marcha, rodando pacificamente, com pequeninos abalos que o oscillavam.

Parou ainda outra vez.

— Granja!... Granja!... Granja!...

Mas Alvaro, d'essa vez, não se mexeu.

Quando a velocidade ia diminuindo, pouco a pouco, lentamente, como um esvaemento de forças, Alvaro ergueu-se, correu a vidraça, e debruçou-se na portinholla.

— Espinho!

Havia na gare uma multidão compacta de banhistas. Senhoras alegres, com vestidos claros, chapéus de palha; homens risonhos n'um traje de praia, de chapéus baixos, sapatos de linho, paos na mão; creanças loiras vestidas de branco... tudo misturado, confundido n'um só grupo, a fallar, a herrar, a grazinar, n'uma algazarra jovial que atordoava. Todos os passageiros estavam á janella, olhando para a multidão; e, de vez em quando, de uma carruagem da segunda classe, agitava-se vigorosamente um braço, e partia uma voz:

— Ó Macario... eh!

Logo o Macario se destacava do grupo, e corria a fallar ao seu amigo.

D'entre aquelle borborinho surdo e alegre de bota-fóra, saíam vozes de despedidas, com beijos chiados, longos protestos de reconhecimento e de amizade.

— Veja lá, D. Constança! Não se esqueça...

— Ai! não me esqueça, baroneza. Fique certa...

— Adeus, Jorge. Escreve de lá.

E o Jorge, um estudante esgrouviado e de gafurina, com o pé no estribo, dizia baixo ao amigo:

— Hoje, nos lanceiros, entrega-lhe a minha carta. E já dentro: — Não te esqueças...

— Não.

Partia tambem uma familia hespanhola, ah! que familia ruidosa, immensa, de homens, mulheres gordas, raparigas esbeltas e sacudidas, criadas redondinhas!...

— Adios! Mil gracias!

— Adeus, D. Joaquim. Boa viagem; e até ao anno.

O hespanhol commovido:

— Gracias! muchas gracias! muchissimas gracias!

As raparigas todas debruçadas nas portinhollas, como os rostos apinhados de um painel, gritavam em coro:

— Muchos recuerdos a todos! Muchos! muchos!

Em meio de toda esta multidão irrequieta, Alvaro procurou ansiosamente encontrar alguém.

— Ah! — e, de um impeto, saltou ao meio da gare.

— Ó visconde.

— Ó Alvaro.

O visconde apparecia em traje de viagem. Um beret escocoz inclinado para a direita, um longo *dorsay* cor de castanha em xadrez muito collado aos quadris, grossas luvas amarellas, charuto ao canto da bocca.

Abraçaram-se com effusão. E Alvaro, passando-lhe as mãos pela axilla, olhou-o attentamente e exclamou:

— Mas tu estás famoso, Luiz! Famosissimo!

Luiz encolheu os hombros.

— Como sempre... Tu é que vens mais gordo e mais forte. Vens do Minho? do verde, hein?

Alvaro sorriu-se.

Um rapaz com um rolo de mantas approximou-se, e disse:

— Sr. visconde, já está tudo no *coupe*.

O visconde olhou sem responder. E, enquanto fallava com Alvaro, meteu dois dedos no bolso do collete, tirou dois tostões, e, sem olhar, estendeu-os ao criado. O rapaz recebeu-os humildemente, de chapéu na mão.

— Obrigado a voss'excellencia!

Um empregado gritou:

— Meus senhores, o comboio vae partir.

Então o visconde, tomando o braço do amigo, dirigiu-se lentamente para o *coupe*.

— Entra, e vem aqui. Eu ainda agora vou jantar...

Um chapéu de palha preto, com um laço escarlata, appareceu atravez dos vidros. Alvaro interrogou o amigo com o olhar.

— É a Leonide... Vae para o theatro, bem sabes.

— Ah! sim... Leonide era a segunda bailarina de S. Carlos.

O visconde insistiu de novo, com uma mão no varão lustroso da carruagem e um pé no estribo:

— Entra, homem, entra, e jantas comnosco no caminho... Conversamos um bocado.

Alvaro, então, meio confuso, quasi tímido, respondeu a meia voz:

— Não posso.

— Porquê? — perguntou o visconde, passando-lhe o braço á cintura, para o introduzir.

— Levo ali minha mulher.

— Ó diabo! Essa agora!...

Não lhe passava pela idéa que o amigo tinha casado! Estacou, arregalou muito os olhos, e depois, reflectindo um pouco:

— Pois, menino, levamos ali duas perdizes, salame, *foie-gras* e uma garrafa de St. Julien... Foi o que se pôde arranjar.

A campainha deu o ultimo signal. Trocaram-se um aperto de mão muito sacudido e affectuoso, á inglaterra, e um olhar mysterioso e vago — que da parte do visconde parecia de compaixão, e da parte de Alvaro de resignação humilhante.

Quando o comboio principiou a arrastar-se pesadamente, com uma respiração anciada de animal cansado, a voz de fasete d'um deputado da Beira ergueu-se d'entre a multidão:

— Passem *ostedes* muito biem.

Lançando um largo aceno de chapéu e um olhar todo amoroso para uma das hespanhollas bonitas, que partia para Valladolid.

(Continúa.)

Alberto Braga.

EPHEMERIDES ARTISTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1875. — Dezembro, 1. — Morre da idade de 47 annos, Diogo de Paiva d'Andrade, theologo e pregador celebre. No concilio de Trento admirou todos com a sua vasta erudição.

Foi tio de outro escriptor do mesmo nome. Pedro José de Figueiredo, no seu livro *Elogio dos Varões e Donas*, diz inexactamente que Diogo de Paiva falleceu em 1 de dezembro de 1517.

1865. — 1. — Primeira representação no real theatro de S. Carlos, da opera *Fausto*, libretto de Michel Carré e Barbier, extrahido do Fausto de Goethe, musica de Charles Gounod. Foi desempenhado por Volpini, Bonias Corsi, Mongini, Squarcia e Junca. Teve exito brilhante.

Foi representado pela primeira vez no theatro lyrico em Paris, em 19 de março de 1859.

1789. — 2. — Creação da Academia Real de Fortificação, Artilheria e Desenho, inaugurada depois em 2 de janeiro de 1790, e extinta pelo dec. de 12 de janeiro de 1837, que instituiu em seu lugar a Escola Polytechnica.

1811. — 2. — Um official do exercito inglez, apostou 500 libras sterlingas, que ha de passar a travessia do rio Tejo na segunda-feira que vem, á uma hora, ao depois do meio dia, em um par de botas de cortiça, e principia o seu passeio á torre de Belem e ha de chegar á torre Velha.

Taes eram os cartazes que appareceram afixados e os avisos que se leram nos periodicos de então, tres dias antes.

Este espantoso successo fez affluir toda a população de Lisboa e suburbios ás margens do Tejo para assistir n'esse dia a tão extraordinaria scena, mas o tal homem não appareceu, apesar de o esperarem até noite cerrada. José Agostinho de Macedo satyrisou este engraçado incidente.

1175. — 3. — Morre D. João Peculiar, arcebispo de Braga e varão celebre em letras e virtude.

1810. — 4. — D. João VI institue a *Academia Real Militar* no Rio de Janeiro.

1836. — 5. — É creada a nova faculdade de direito na universidade de Coimbra.

D'ahi em diante os bachareis formados em canones, passaram a intitular-se *formados em direito*.

1876. — 6. — Sob a scena pela primeira vez, no theatro de D. Maria II, em beneficio do actor Augusto Rosa, o drama em 5 actos e 7 quadros, *O Meia Azul*, sendo o papel do protagonista desempenhado pela actriz Emilia das Neves.

1835. — 7. — Representa-se pela primeira vez em S. Carlos a opera de Antonio Luiz Miró — *O Somnambulo*.

1720. — 8. — Inauguração da *Academia de historia portugueza*, pelo rei D. João V que se declara seu protector. Teve lugar em uma das salas do paço da Ribeira.

O pensamento foi iniciado em 24 de agosto de 1715, com a criação da *Academia de historia ecclesiastica*. Os estatutos foram approvados em 14 de janeiro de 1721.

O sello d'esta academia consistia no escudo das armas reaes com a figura do Tempo, em baixo acorrentado, e na circumferencia este titulo: *Sigillum Regie Historie Lusitaniae*. A empreza consistia no simulacro da Verdade com esta letra: *Restituet Omnia*.

1573. — 9. — Morre em Evora o distincto humanista e antiquario André de Rezende.

As suas obras, escriptas pela maior parte em latim, são muito estimadas entre os archaistas nacionaes e estrangeiros. André de Rezende é tido pelo mais sabio antiquario do seculo xvi.

1850. — 9. — É concedido á escola do exercito o real palacio da Bemposta para ali se estabelecer. Estava então localisado em Santo Antonio dos Capuchos.

1616. — 10. — Morre em Goa o celebre historiador e chronista-mór do reino Diogo de Couto. Foi o continuador de João de Barros na historia da India. Sem ter o estylo brilhante do seu antecessor avantajou-se a elle nos predicados de historiador, e no methodo de dispôr os factos.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Arquivo dos Açores, publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana, volume iv — numero xix — 1882 — Ponta Delgada, Typ. do Arquivo dos Açores, 4.º de 96 paginas — Com este fasciculo enceta esta importantissima publicação, o seu quarto volume. Começa elle por

uma curta biographia e commemoração do illustrado açoriano, o dr. João Teixeira Soares de Sousa, natural da ilha de S. Jorge, que reunira um largo peculio de apontamentos, extractos, e documentos relativos á historia açoriana, mas que dotado de uma especie de indolencia nunca produzira mais que pequenos trabalhos; dispuha-se por fim, depois de largos annos de estudo, a convertel-os em obras, quando uma fatal doença o derrubou. Um extracto da sua correspondencia

Os PORTUGUEZES NO ORIENTE, feitos gloriosos praticados pelos portuguezes no Oriente, por Eduardo Augusto de Sá Nogueira Pinto de Balsemão — 1.ª parte (1510 a 1600) — Nova Goa, imprensa nacional, — 8.º, de vi — 236 paginas e uma de indice; — 2.ª parte (1600 a 1700), Nova Goa, Imprensa nacional, 8.º de vii — 208 paginas e uma de indice. — E' de certo uma empreza importante a que tomou o sr. Pinto de Balsemão, secretario geral do governo do Estado da India,

se fizera transportar n'uma cadeira para junto dos muros e d'alli presencára a batalha. Não sabemos tambem porque o sr. Balsemão começou o seu trabalho no anno de 1510 e não em 1498. Os feitos, enganos, e inexactidões de uma obra d'estas, que necessariamente ha-de tel-os, n'um paiz, onde a maior parte dos documentos estão enterados nos archivos, não lhe tiram o valor do commettimento, nem a valia, a qual crescerá á medida que futuras correções a vão aperfeiçoando.



CARCAVELLOS — ESTAÇÃO DO CABO TELEGRAPHICO SUBMARINO, NO ANTIGO PALACIO DO MORGADO DA ALAGÔA (Segundo photographia de Hochlunt)

com o sr. dr. Ernesto do Canto, proprietario e redactor do *Archivo*, que segue a biographia, mostra que o dr. Teixeira Soares, com o seu espirito fino, observador e estudioso, sacrificava muito ao paradoxo, mau guia e conselheiro para trabalhos historicos. Os seus muitos subsidios vão ser aproveitados por aquelle cavalheiro. Segue a esta parte uma larga transcripção de documentos extrahidos dos archivos publicos, o que dá áquella publicação um altissimo valor historico.

ELEMENTOS PARA A HISTORIA DO MUNICIPIO DE LISBOA, por Eduardo Freire de Oliveira, 6.º fasciculo. Continua com regularidade esta importante publicação. Extracto methodico do riquissimo archivo do municipio de Lisboa, não se julgue que é meramente um indice. Além de dar a substancia dos documentos, quer legislativos, quer consultivos que desde o principio da monarchia até hoje, teem sido promulgados ou elaborados com relação a cada ramo que trata, não despreza a transcripção da parte mais curiosa, importante ou caracteristica dos documentos, tudo acompanhado de notas muito illustrativas e importantes. Neste fasciculo vêem os seguintes titulos: *Divisa da cidade*, — *Cores da cidade* e começa-se o relativo ao *Estandarte ou bandeira da cidade*, muito curiosos e interessantes.

de vulgarisar o conhecimento dos feitos gloriosos praticados pelos portuguezes no Oriente, que se são regularmente conhecidos desde a viagem de Vasco da Gama até o tempo onde terminam as *Decadas* de Diogo do Couto, são muito menos sabidos desde esse ponto em diante, tendo havido sempre durante esse largo periodo, trabalhos, feitos, facções notaveis, ás quaes só tem faltado a penna de Barros ou Couto para as tornar mais admiradas. E' por isso que damos muito mais importancia á 2.ª parte do trabalho do sr. Pinto de Balsemão, do que á primeira, visto apoiar-se e referir-se a documentos ineditos. Se o mesmo tivesse sido seguido na primeira, teria evitado alguns erros commettidos pelos historiadores e seguidos pelo auctor. Um para exemplo: No cerco de Djo, depois da chegada de D. João de Castro, quando a 11 de novembro de 1546, de manhã cedo, este sabiu da fortaleza para ir atacar os inimigos, diz o sr. P. Balsemão que o governador deu um corpo de 500 homens a seu filho D. Alvaro; tambem Jacintho Freire o diz, mas é erro. — D. João de Castro na carta escripta a el-rei, de que já está parte publicada, e de que temos visto varias copias e possuímos uma, diz positivamente que D. Alvaro com muito pesar não o poude acompanhar, por muito doente de febres, mas que assim mesmo, fraco,

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente: O repertorio do nosso primeiro theatro vae enriquecer-se com o *Othello*.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882, LALLEMANT FRÈRES, Typ. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6

AVISO

Tendo-se esgotado uma grande parte dos numeros do OCCIDENTE relativos ao primeiro, segundo e terceiro volumes d'esta publicação, procedeu-se á reimpressão dos mesmos, o que augmentou consideravelmente o custo d'estes volumes, e por isso a Empreza previne os seus correspondentes e o publico em geral, de que a partir do primeiro de janeiro de 1883, os preços do 1.º, 2.º e 3.º volumes regulam pela tabella seguinte:

Preços do 1.º, 2.º e 3.º volumes do OCCIDENTE

Brochados, cada um 3\$000
Encadernados, cada um 4\$000

Para o estrangeiro enviados pelo correio accresce 1\$000 sobre os preços marcados.

Numeros avulsos relativos a estes volumes ou sejam os n.ºs 1 a 72, cada um 160 réis.

Para as pessoas que desejarem adquirir estes volumes por séries de 12 numeros seguidos, 1\$500 e por séries de seis numeros seguidos 750 réis.

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

PARA 1883

PUBLICADO PELA EMPREZA DO OCCIDENTE

Prefusamente illustrado com gravuras portuguezas e uma linda capa em chromo-lythographia.

Está publicado este interessante almanach, o mais elegante que se tem publicado em Portugal, e que no primeiro anno da sua publicação teve o successo mais completo.

Este almanach publica um enigma com nove premios ás pessoas que o advinharem.

A grande extracção que este almanach obteve no primeiro anno, permittio o fazer-se uma maior tiragem n'este anno, podendo assim a empreza vendel-o ao

PREÇO, EM LISBOA, 200 RÉIS

Para as provincias envia-se pelo correio a quem remetter 220 réis em estampilhas á **Empreza do Occidente**, rua do Loreto, entrada pela rua das Chagas, 42 — Lisboa, onde devem ser dirigidas as encomendas.